

Cultura

O ESTADO DE S. PAULO

O Estado de S. Paulo - ano II - nº 104 - domingo, 6 de junho de 1982



Uma entrevista com Lévi-Strauss

O Personagem da Semana

“Não tenho mais a impressão de que fui eu que o escrevi” — diz Claude Lévi Strauss sobre seu livro mais famoso, *Tristes Trópicos*. Depois de 40 anos gostaria de voltar ao Brasil, não para fazer conferências ou para se entregar a recordações, mas para re-



visitar um mundo novo de cujo nascimento tem o “sentimento profundo de haver participado”. Nessa entrevista a Napoleão Sabóia, ele fala de São Paulo dos anos 30, do verdadeiro laboratório que era a cidade em crescimento, e da criação da USP.

“Tentei introduzir nas ciências humanas alguns pontos de vista novos”

“Uma viagem ao Brasil, agora, era o que me poderia acontecer de melhor, mas não para ir fazer conferências ou entregar-me a recordações nostálgicas naqueles itinerários por mim percorridos e descritos em *Tristes Trópicos*.”

Claude Lévi-Strauss, 74 anos, gostaria de se impor essas duas condições para um eventual reencontro com o Brasil, após mais de 40 anos de ausência. Ele se aposenta do Collège de France, o templo por excelência da universidade francesa, em outubro próximo, quando completa 50 anos de magistério. Iniciando sua carreira num liceu do interior, ingressou, posteriormente, no ensino superior, e foi professor de Sociologia da Universidade de São Paulo, em 1935. Seu regresso definitivo à Europa ocorreu em princípios de 1939.

Caso o projeto de viagem se concretize, o sábio francês espera contar, de antemão, com dois elementos para exorcizar a melancolia das lembranças: sua “falta de memória para a vida pessoal e a certeza de que o Brasil, sobretudo São Paulo, mudou tanto, mas tanto, nesses anos todos, que não reconheceria mais nada. Talvez apenas — se um ‘bulldozer’ não a demoliu, ou se não a restauraram — a antiga sede de O Estado de S. Paulo, onde eu ia sempre conversar com Julio de Mesquita Filho”.

Entretanto, por ser dotado de “boa memória para o trabalho científico”, o “Primeiro Intelectual da França” — segundo o “plebiscito” efetuado, em 81, pela revista literária Lire, com a participação de todos quantos integram a intelligentsia parisiense — admite que dificilmente o reencontro deixaria de ter suas incidências nostálgicas.

Com efeito, foi no Brasil, e mais particularmente junto a comunidades indígenas do Centro e do Sul de Mato Grosso, que ele empreendeu o essencial das pesquisas de campo que iriam las-

trear sua obra de antropologia estrutural, cuja influência ponderável na evolução do conjunto das ciências humanas tem sido objeto de abundante literatura.

Pouco depois de ministrar seu último curso no Collège de France (ele ainda permanecerá à frente de seu Laboratório de Antropologia até outubro), o professor Lévi-Strauss concordou em fazer um “esforço de memória” para recordar sua experiência brasileira e os sentimentos que ela ainda hoje lhe inspira.

Parti para o Brasil entre dois erros

Em 1955 em *Tristes Trópicos*, o sr. contou, detalhadamente, as circunstâncias em que foi ensinar no Brasil. De tal relato, o que lhe parece ainda vivo, na memória?

Primeiro, o acaso que me levou ao Brasil. Professor de Filosofia num liceu do interior da França, desejei, ao cabo de um ano de experiência no ensino, conhecer o mundo. Minha curiosidade, na verdade, se voltava para a etnologia. Assim, procurei meus antigos mestres na “Ecole Normale Supérieure” e participei-lhes minha disposição de partir para ensinar num país estrangeiro. Rapidamente o diretor, Célestin Bouglé, me propôs a ida para o Brasil. Foi um acaso. Na época, eu não conhecia nada do Brasil, do qual, aliás, só tinha idéias falsas.

Depois, eu citaria o fato de que parti para o Brasil entre dois erros. Explico: sabendo-me interessado pela etnografia, o professor Bouglé me havia assegurado, ao formular a proposta, que os subúrbios de São Paulo eram cheios de índios. Ele confundia certamente São Paulo com o México ou outra cidade

latino-americana. Em seguida, fui visitar o então embaixador do Brasil em Paris, Luís de Souza Dantas, que me disse simplesmente o contrário: não havia mais índios no Brasil. Helas! Eles tinham sido todos massacrados, eliminados por doenças, etc. Eu não encontraria um só. Foi, portanto, por acaso e entre dois erros que desembarquei no Brasil.

Que imagem o sr. tinha do Brasil na época?

O Brasil era o desconhecido, um vasto território, o novo mundo. Na realidade, na época eu não tinha experiência nem meios para imaginar grande coisa do País.

De suas lembranças de São Paulo, o que ficou de mais relevante?

Lembro-me ainda que, ao chegar, senti uma espécie de amor à vista primeira por São Paulo e, sobretudo, pelas suas cercanias, pela região de Santos, onde encontrei aquelas imagens tropi-

Tradição intelectual francesa

cais com as quais tanto havia sonhado. A cidade de São Paulo, propriamente dita, passava, então, por uma extraordinária experiência sociológica. A cada hora, dizia-se, uma nova casa era levantada na cidade. Ao lado dessas transformações formidáveis, permaneciam, intatos, os antigos quarteirões construídos nos séculos XVIII e XIX. Essa mistura do velho com o novo, a experiência de ver uma cidade nascer e se organizar é tão rara que dificilmente pode ser esquecida. Na época, o grande orgulho dos paulistas era dizer que eles tinham o primeiro arranha-céu do Brasil — o edifício Martinelli.

E o ambiente cultural?

O ambiente cultural era dos melho-

res, formado por pessoas que falavam francês muito bem e que conheciam praticamente tudo da França e de sua literatura. O principal centro dessa animação cultural era a redação de O Estado de S. Paulo. O gabinete de Julio de Mesquita Filho funcionava como uma espécie de salão literário. Ele fora um dos fundadores da USP. Lá, meus demais colegas franceses e eu costumávamos, sempre à noite, nos reunirmos com os amigos brasileiros: além de Julio, Paulo Duarte, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes e muitos outros. Fui também muito amigo de Mário de Andrade e de Oswald de Andrade. Eles vinham sempre à minha casa, saíamos juntos. Não cheguei a me envolver com o movimento antropofágico, mas o acompanhava muito de perto. Minha comunicação com os modernistas brasileiros era muito fácil e se fazia realmente em pé de igualdade, porque eu estava ao corrente dos movimentos de vanguarda intelectual e literária na França.

O que era a USP naqueles tempos?

Um centro motivado por uma curiosidade intelectual verdadeiramente prodigiosa, que nunca mais encontrei igual no mundo. Entre os estudantes, contavam-se numerosas pessoas já maduras, que exerciam profissões diversas e estavam desejosas de obter diplomas universitários, antes inexistentes. Nem todos falavam francês, mas o compreendiam e o liam suficientemente bem para seguir meus cursos. Quanto ao nível dos alunos, direi que minha grande dificuldade decorria precisamente do fato de que eles já possuíam uma soma talvez excessiva de conhecimentos. O problema não era tanto de ensinar-lhes novas coisas, mas de ordenar e pôr em perspectiva tudo o quanto eles já haviam aprendido em leituras as mais abrangentes.

Como São Paulo passasse por uma experiência sociológica magnífica, —

bastando ao interessado sair à rua para se aprender todos os métodos e disciplinas de trabalho, no próprio terreno, tratei de explorar essa rica realidade como um dos meios de ordenar os conhecimentos de meus alunos. Assim, seus primeiros trabalhos consistiram na elaboração de pequenas monografias sobre a vida das ruas: como elas se transformavam, quem eram seus moradores, de que maneira o comércio se distribuía, além das pesquisas sobre os maravilhosos mercados paulistas. Maravilhosos não apenas pela profusão de animais e aves que neles eram negociados como também pela quantidade e diversidade de legumes e frutos postos à disposição do público e que eu só conhecia até então por meio de livros. Havia igualmente todo um belo artesanato que provinha dos vilarejos vizinhos e que constituía outro campo importante de estudos.

Esse gênero de trabalho não suscitou mal-entendidos?

Um só, sem gravidade. Os fundadores da USP, formados na velha tradição intelectual francesa, tinham em Durkheim uma de suas principais fontes de inspiração. Ora, na época, jovem e pleno de ardor, eu me achava em estado de insurreição contra a sociologia francesa tradicional, que me parecia demasiado teórica, demasiado filosófica. Por isso, eu julgava que se devia privilegiar a pesquisa de campo. Na verdade, eu me identificava melhor com o enfoque anglo-saxão, favorecendo uma pesquisa mais empírica. Esse mal-entendido não afetou, entretanto, a orientação que dei ao meu curso nem a extrema cordialidade com que os dirigentes da USP sempre me trataram.

Havia na USP vários professores franceses, alemães e italianos. O sr. nunca notou, da parte de seus colegas brasileiros, qualquer reticência ante essa "invasão estrangeira"?

Nunca notei nada disso. Se houve qualquer reticência, a extrema cortesia e a grande amabilidade que o Brasil dispensa aos estrangeiros se encarregaram de abafá-la. Mas não creio que tenha acontecido nada. O que havia, na verdade, eram as "igrejinhas" que se formavam em torno dos professores de cada nacionalidade, em razão de afinidades espirituais ou por causa das matérias ensinadas. Os estudantes se dividiam nas preferências — uns pelos professores franceses, outros pelos italianos ou alemães. Todavia, os professores mantinham entre si excelentes relações.

O sr. se lembra de alguma coisa marcante ligada à situação política brasileira de então?

Nossa condição de estrangeiros nos impunha uma atitude discreta. Não alimentávamos curiosidades malsãs. Havia, é claro, tensões políticas no País. Sabíamos, por exemplo, que o interventor em São Paulo, Armando de Salles Oliveira, não se entendia com o governo federal.

O sr. recebeu algum apoio das autoridades brasileiras para empreender suas pesquisas etnográficas?

Do município de São Paulo recebi uma ajuda para realizar minha primeira expedição de três meses às tribos dos Caduveos e dos Bororos, no Sul e no Centro de Mato Grosso, isto durante as férias de 1935. Posteriormente consegui na França, onde vim apresentar os resultados de minhas primeiras pesquisas, os meios necessários para efetuar a grande expedição de 1938-39. Entretanto, desde que cheguei ao Brasil, sempre apro-

veitei os períodos de férias para viajar pelo interior. Estive inicialmente em Santa Catarina e no Paraná, onde mantive os primeiros contatos com índios. Eles formavam pequenos grupos já bastante aculturados. Em outra ocasião, com colegas franceses, da universidade, fui de carro, um Ford, até o Araguaia. Naquela época, isto significava um verdadeiro tour de force.

O sr. não tem vontade de refazer os caminhos de sua grande expedição de 38-39?

O desejo de voltar ao Brasil

Eis o problema: os caminhos que levei seis meses para percorrer em caminhão, cavalo, piroga, carro de boi, a pé, eu os faria, agora, em questão de dias, senão de horas, em automóvel. Abriram estradas por toda parte, tudo ficou mais fácil. Essas facilidades iriam desapontar-me e, por outro lado, não quero retornar àqueles caminhos para me entregar a recordações nostálgicas. Gostaria de reencontrar o Brasil, mas não, seguramente, para refazer meus caminhos pelos sertões de Mato Grosso. O que me alegraria, na verdade, era rever meus amigos brasileiros, meus antigos alunos, que se tornaram professores e que já estão aposentados ou quase. Eles formaram uma nova geração de professores, de intelectuais. Gostaria de entrar em contato com esses grupos. Além disso, gostaria de rever a natureza do Brasil e os mercados de São Paulo, coisas que amei apaixonadamente.

Após o retorno à França, o sr. manteve algum tipo de contato com o Brasil?

Mantive sempre ligações intermi-

tentes, por meio da correspondência, sobretudo com colegas brasileiros das Universidades de São Paulo e de Campinas. Por outro lado, eles vêm muito frequentemente a Paris e nos encontramos. Há poucas semanas, recebi a visita de Roberto da Matta. E aqui, em Paris, sempre tive brasileiros entre meus alunos bem como pesquisadores, que faziam estágios. Cito o caso da professora Carneiro da Cunha, atualmente lecionando na Universidade de Campinas, que trabalhou comigo nos anos em que morou em Paris. Na verdade, nunca perdi o contato com o Brasil, mesmo quando estive nos Estados Unidos durante algum tempo. De lá, continuei a alimentar essa ligação. Depois estive na Índia, no Bangladesch, trabalhei um pouco junto às tribos da Costa Noroeste do Canadá. Mais recentemente, estive no Japão e na Coreia. Porém, minha primeira e grande experiência com realidades completamente diferentes das de minha sociedade se passou no Brasil. Daí esse apreço pelas relações que lá deixei. Um apreço que se mantém também por meio dos

Não me lembro de meu passado

contatos regulares que tenho com Fernand Braudel, meu colega, há anos no Collège de France, e com Pierre Monbeig e Jean Maugué. Eles trabalharam em São Paulo na mesma época. Nos nossos encontros, lembramo-nos sempre de nossa experiência brasileira. Eis um tema de conversação que nos é duplamente caro, porque o Brasil era também nossa mocidade. Eu tinha 26 anos quando cheguei a São Paulo.

Que imagem o Brasil lhe sugere hoje?

Esta imagem um pouco melancólica para um europeu que se depara com a visão antecipada de um país em pleno desenvolvimento, em plena efervescência, que assume uma posição cada vez mais importante na cena mundial, enquanto a velha Europa vai perdendo sua influência. Mas, diante desta imagem, há igualmente em mim o sentimento profundo de haver participado de algo que ocorreu — o nascimento de um outro mundo. Eu assisti ao nascimento deste mundo que está crescendo, e creio que, em certa medida, contribuí para isso. Tal fato me causa uma grande satisfação e, ao mesmo tempo, aquela impressão que a gente tem quando passa chaves e encargos a outros.

Como o sr. recebeu sua eleição como "Primeiro Intelectual da França"?

Mas isto não é uma coisa séria. Você se refere certamente à pesquisa feita por uma revista, junto a 400 ou 500 pessoas. O que isso representa em relação ao número muito maior de pessoas que integram a vida intelectual francesa? Absolutamente nada. Na verdade, tudo não passou de um pequeno exercício bem parisiense...

É para quando sua autobiografia?

Para nunca. Por uma razão muito simples: minha memória, que é boa para o trabalho científico, revela-se péssima quando se trata da vida pessoal. Dificilmente consigo recordar o que aconteceu em tal ou tal ano. Quando escrevi *Tristes Trópicos*, por exemplo, cometi, de boa fé, grande quantidade de erros sobre datas, que tive de corrigir pouco a pouco nas sucessivas edições. Na verdade, não me lembro de meu passado. Eu o destruo à medida que os anos passam.

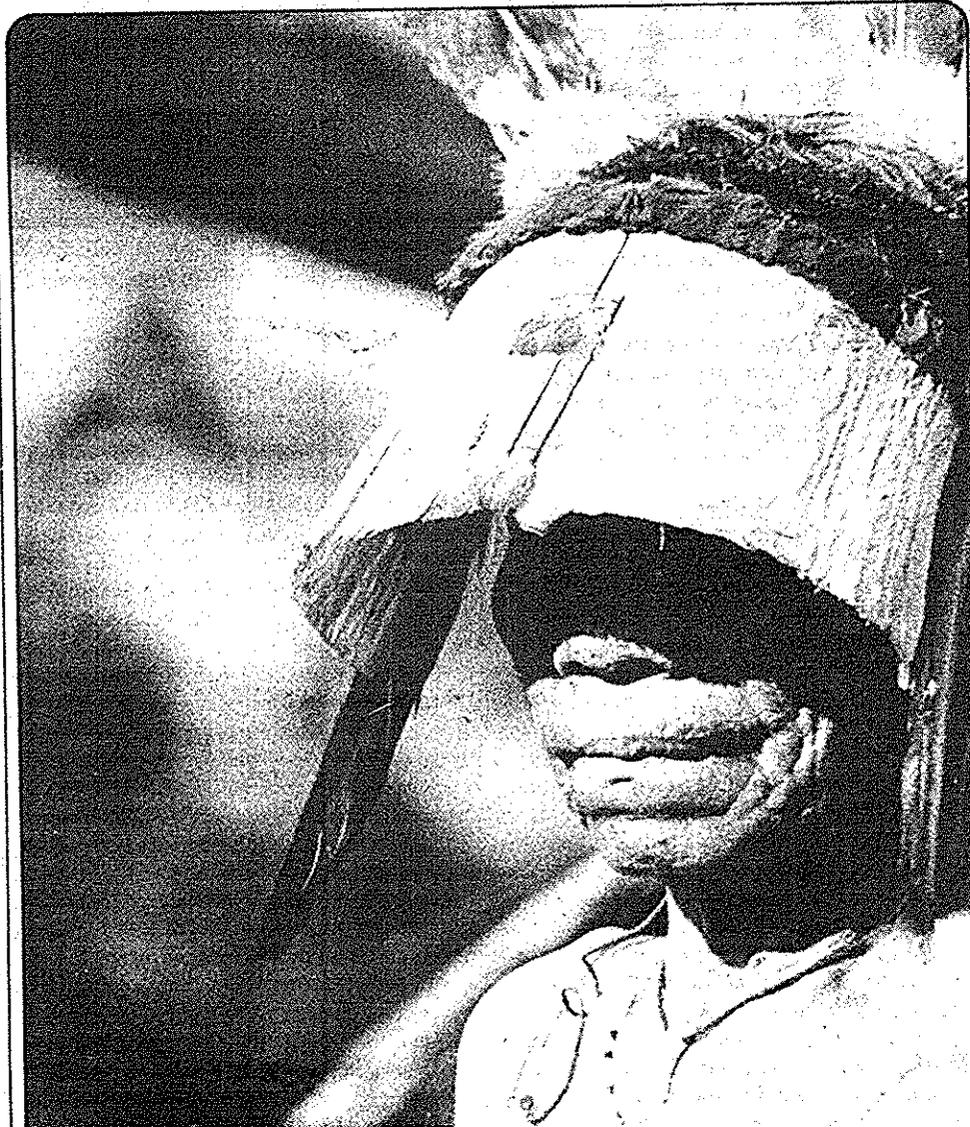
Tristes Trópicos é, talvez, sua obra mais célebre. O que o sr. pensa dela, hoje?

Tristes Trópicos já é um livro muito velho, que ficou muito para trás. Não tenho mais a impressão de que fui eu quem o escreveu. Foi qualquer outra pessoa, um outro autor. Com este livro não experimento mais nenhum sentimento de identidade pessoal. Quem ainda quiser lê-lo, ficará sabendo, pois, que ele não me pertence, não foi escrito por mim. Em suma, *Tristes Trópicos* se encontrou ou se formou sozinho, através de minha pessoa, depois foi publicado e agora eu não tenho nada a ver ou a fazer com ele.

(Segundo especialistas franceses, esse sentimento de rejeição que Lévi-Strauss exprime em relação a *Tristes Trópicos* se deveria ao fato de que ele não considera esta obra propriamente científica. Na entrevista, o professor se absteve de fazer comentários. A propósito, na apresentação da enquete que o apontava como o "Primeiro Intelectual da França", a revista *Lire* lamentava que Lévi-Strauss, por causa da preocupação com o rigor científico, houvesse sacrificado o "lado literário" de sua criação. As "concessões" que ele fez, até mesmo à poesia, em *Tristes Trópicos*, desapareceram em suas obras posteriores, escritas de uma maneira "fria, técnica, algo insípida, mas eficaz").

Que imagem o sr. gostaria que se guardasse de sua obra e de si próprio?

A imagem de alguém que tentou introduzir, nas ciências humanas, alguns pontos de vista novos, que, creio, poderão ser úteis, prestar serviços durante certo tempo, até que outras aquisições mais novas e melhores os substituam.



Da descoberta dos índios à pesquisa científica